

## ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (NOVEMBRO 2016)

Com base na amostra representativa da IACA (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **novembro de 2016**, uma produção de 198 287 tons contra 190 301 tons produzidas em novembro de 2015, o que representa uma subida da produção, de 4.2% face ao período homólogo do ano anterior (neste mês com o mesmo número de dias de fabrico do ano anterior), mantendo-se a tendência que caracterizou o mercado dos alimentos compostos durante o ano de 2016: ligeiro incremento nos alimentos para aves, bovinos, suínos e outros animais, em quebra, mais ou menos significativa; as crises da carne de porco e do leite foram relativamente atenuadas no segundo semestre, com alguma recuperação dos preços mas, tal como aqui referimos no mês anterior, temos um fenómeno que, infelizmente, continua a marcar o Setor e a Fileira: baixos preços no consumo, promoções sucessivas e, por esta via, a destruição de valor por parte das cadeias de distribuição, apesar do discurso da valorização dos produtos nacionais, da “nossa terra”, produção local, circuitos curtos, rotulagem de origem, elementos importantes mas que têm rapidamente de passar à prática e ser interiorizados pelos consumidores nacionais. Ainda recentemente foi assinado um Código de Boas Práticas entre a produção, a indústria e a grande distribuição, que tem em conta a introdução de maior equilíbrio ao longo da cadeia alimentar, evitar abusos, práticas desleais e aumentar a transparência do mercado. Uma atitude de auto-regulação que, para já, segue um pouco o que se está a fazer na União Europeia, evitando que o regulador legisle e imponha regras (e sanções) nas relações entre os agentes económicos, tornando-os mais co-responsáveis. É evidente que temos de dar todo o benefício da dúvida quanto ao funcionamento deste acordo mas este surge numa altura em que em Bruxelas, o Grupo de Trabalho criado para propor à Comissão um conjunto de recomendações, na sequência das recentes crises dos mercados, avança com medidas legislativas contra as práticas abusivas nas relações entre fornecedores e distribuição alimentar e o Parlamento Europeu pressiona o executivo europeu no mesmo sentido. Até porque esta vai ser uma temática em debate no quadro da reforma da PAC pós 2020, a par da volatilidade de preços e rendimentos, iremos voltar a ouvir falar deste dossier em 2017, bem como das perspectivas positivas dos sectores das aves e suínos, contra indicadores menos favoráveis no leite e relativamente negativas nos ruminantes. Com alguns movimentos a criarem ruído e sobre o impacto negativo da actividade pecuária no ambiente, no bem-estar animal e na Sociedade, em que os ataques ao consumo de leite e às carnes vermelhas (ou a recente discussão sobre o Semáforo Nutricional) como se fossem os grandes responsáveis pelo aumento da diabetes ou obesidade. Não existem, em nossa opinião, bons ou maus alimentos, mas dietas menos saudáveis, pelo que urge uma aposta nas políticas de educação alimentar, sem demagogias, em dietas equilibradas e estilos de vida que promovam a saúde pública. Aqui todos temos uma enorme responsabilidade, a de mostrar e fazer, educar e agir, muito mais do que falar simplesmente, ou ignorar os sinais que nos são dados pelos “novos consumidores” e pelos movimentos e redes sociais que tudo amplificam. Num ano de 2016, em que se cumprem os limites do deficit, de record do turismo, com melhoria da procura interna, das exportações e alguma redução do desemprego, as perspectivas para 2017, talvez marcadas pela grande incerteza (*Bréxit*, novo Governo dos EUA, fragilidade do sistema financeiro, desaceleração da economia mundial, tensões entre blocos, acordos comerciais postos em causa...), são relativamente pessimistas: fraco crescimento económico, investimento reduzido, taxas de juro mais elevadas (financiamento) e valorização do dólar que penalizará os preços das matérias-primas. A certeza de que vamos ter, em Portugal, (mais) um ano difícil.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	<b>Novembro 2015</b>	<b>Novembro 2016</b>	<b>Varição (%)</b>
AVES	87 259	95 972	10.0
BOVINOS	42 982	43 506	1.2
SUINOS	49 351	48 136	-2.5
OUTROS	10 709	10 673	-0.3
<b>TOTAL</b>	<b>190 301</b>	<b>198 287</b>	<b>4.2</b>

**Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro**

	Toneladas			
	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>VAR% 2016/15</b>
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2,5
FEVEREIRO	169 253	169 178	178 832	5,7
MARÇO	180 561	194 134	199 933	3,0
ABRIL	185 747	192 758	186 057	-3,5
MAIO	187 486	179 461	190 793	6,3
JUNHO	182 590	190 011	192 230	1,2
JULHO	201 080	200 223	185 742	-7,2
AGOSTO	185 549	185 464	200 276	7,9
SETEMBRO	186 769	192 131	197 629	2.9
OUTUBRO	197 241	201 266	200 307	-0.5
<b>NOVEMBRO</b>	<b>175 891</b>	<b>190 301</b>	<b>198 287</b>	<b>4.2</b>
DEZEMBRO	194 427	197 143		
<b>TOTAL</b>	<b>2 236 879</b>	<b>2 275 385</b>	<b>2 108 833</b>	<b>1.5</b>

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	<b>Jan-Nov 2015</b>	<b>Jan-Nov 2016</b>	<b>Varição (%)</b>
AVES	965 288	1 036 080	7.3
BOVINOS	470 144	443 369	-5.7
SUINOS	521 448	514 481	-1.3
OUTROS	121 362	114 903	-5.3
<b>TOTAL</b>	<b>2 078 242</b>	<b>2 108 833</b>	<b>1.5</b>

Quanto aos **valores acumulados**, com o desempenho de novembro – apesar da redução relativamente ao mês anterior, uma tendência que se verificou em 2015 e 2014, mas este ano com menor expressão – a produção registou um incremento de 1,5% nestes onze meses, assistindo-se agora a uma subida de 7.3% nas aves e quebras, de -5.7% nos bovinos (componente carne e leite em retração), de -1.3% nos suínos e -5.3% nos outros animais.

Tal como nos meses anteriores, é a produção de alimentos para aves que contribui para travar a quebra no mercado global, mas em termos reais, depois de um 2015 em alta, regressamos às tendências dos anos anteriores, de uma produção global relativamente em quebra ou estagnada, em que as integrações ganham terreno e o mercado livre perde penetração no mercado, apesar da sua enorme resiliência.

De facto, considerando as empresas que integram esta amostra, são 9 (8 no mês anterior) as que melhoram ou mantêm a produção face ao ano transato, representando 55,3% de quota de mercado, contra os 49,2% de 2015, assistindo-se a uma maior concentração da oferta de rações. No que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em novembro, uma subida de 1.3%, ligada ao incremento mensal nos bovinos comparativamente a 2015. No entanto, o valor acumulado diminuiu 5.3%, cerca de menos 41 500 tons produzidas, e o peso dentro da amostra, neste período de janeiro a novembro, é de 35,4% em 2016, contra os 37,9% de 2015 no período homólogo.

#### Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76	82	39	39	44	46	11	11
MARÇO	90	95	44	41	48	52	12	12
ABRIL	90	91	43	38	48	46	11	10
MAIO	87	95	39	39	43	46	11	11
JUNHO	92	97	41	39	46	47	11	10
JULHO	96	96	45	38	48	42	11	9
AGOSTO	88	102	42	42	45	47	10	10
SETEMBRO	88	100	44	42	49	46	10	10
OUTUBRO	91	101	47	42	51	48	11	9
<b>NOVEMBRO</b>	<b>87</b>	<b>96</b>	<b>43</b>	<b>44</b>	<b>49</b>	<b>48</b>	<b>11</b>	<b>11</b>
DEZEMBRO	86		46		53		11	
<b>TOTAL</b>	<b>1 051</b>	<b>1 036</b>	<b>515</b>	<b>443</b>	<b>574</b>	<b>515</b>	<b>132</b>	<b>115</b>

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da conjuntura dos produtos animais, no setor avícola, o frango vivo situa-se entre 0,70 € e 0,80 €/kg de peso vivo, o peru em 2,15 €/kg de carcaça e os ovos têm cotações entre 1,00 e 1,05 €/Kg, impulsionados pela época natalícia. Nos bovinos de carne, depois da melhoria nos preços, o regresso à estabilidade. No leite, a contenção da produção tem vindo a reduzir a oferta e os sinais já são de alguma recuperação e melhoria de preços. Enquanto Portugal aguarda pela autorização de Bruxelas para a rotulagem, depois da França, foi a Itália quem recebeu a luz verde da Comissão. Nos suínos, após as recentes perdas, temos o regresso à estabilidade, com sinais de alguma preocupação face às recentes descidas de preços em Espanha e na Alemanha. O equilíbrio do mercado europeu depende cada vez mais das exportações e estas da China, pelo que importa definir uma estratégia mais diferenciadora, sendo importante saudar a “chegada” do Porco.pt, cujo caderno de encargos já foi aprovado, na generalidade, pela DGADR. Não podemos falhar nestas estratégias, enquanto operadores, enquanto Associações. O futuro está cada vez mais nas nossas mãos e dos Governos, apenas temos de esperar cumplicidade e agilidade...